

Anexos do texto “UMA FIGURA LITERÁRIA DO NORDESTE: NÍSIA FLORESTA – Por Henrique Castriciano”



Figura 1- Imagem da Capa da REVISTA DO NORDESTE



Figura 2 - Detalhe da capa do Livro do Nordeste - ilustração de Manoel Bandeira



Figura 3 - Imagem do texto de Henrique Castriçano (p. 138-139)



## UMA FIGURA LITTERARIA DO NORDESTE: NISIA FLORESTA

Por HENRIQUE CASTRICIANO

Para o "Diário de Pernambuco" escreveu o escriptor norte-rio-grandense Dr. Henrique Castri-  
ciano um artigo que se segue sobre Nisia Floresta, Nisia Floresta recitou na viciosa  
sílaba (o seu velho curioso barfil, nascida e criada num logarejo do interior do Rio Gran-  
de do Norte ainda na época colonial — quando as mulheres eram entre nós quase mos-  
tradamente tratadas e educadas — ella foi quase ao extremo opposto na reacção, ja-

vorcendo-lhe as attitudes e ambiente europeu do meio do século feminiano, imbracada  
de literarismo, de scientismo e de positivismo, do que a sua camotica Rita de Souza, filha  
de emoções das cousas de sua terra e lida com as nossas letras, conseguiu tirar  
um dos esbeltas mais gentis que se viu em muitos annos das nossas letras, conseguindo  
da personalidade e da vida de Nisia Floresta os traços mais curiosos e interessantes.

A evolução intellectual do Rio Grande do Norte, como a de diversos Estados do Norte e do Sul do Brasil, apresenta certos aspectos interessantes, comparada com a de outras circumscriptões da Republica.

Não tivemos, nós os norte-rio-grandenses, o que se poderá chamar litteratura colonial, isto é, a transplantação mais ou menos directa do pensamento lusitano com a sua caracteristica syntaxe, tão differente da construção grammatical brasileira.

Talvez mesmo não seja exaggerado dizer que, exceptuando a curiosidade relativa a immediatos interesses administrativos, vivemos até muito depois da independência, como que alheios ao resto do paiz, devido à exiguidade de recursos economicos, aos minguados meios de transporte e à restricta capacidade mental dos dirigentes enviados pela metropole.

Não veio até nós o menor reflexo de actividade intellectual da Escola Bahiana (seculo XVII) e do Grupo Mineiro (seculo XVIII). Somente em meados do seculo passado nos chegou a tentação das letras, tardança natural, deves que não veio em tempo bom ao Rio, conforme succedeu em Bahia, Minas, Pernambuco e Rio, povoados por varões de alta linhagem e lucida intelligencia, alguns dos quaes fundaram associações de letras, como o veneravel Mello Castro, que permitiu funcio-nasse em Palacio a Academia Brasileira de Esquecidos reunido em sua casa, ao dizer de Rocha Pitta "as pessoas da maior graduacão e sãtenimento" e o Marquez das Minas sob cujo governo os poetas, segundo Arar pe Tonior, tiveram o seu dia de gloria.

Não encontro o menor vestigio de açã de laes estimulos na mentalidade norte-rio-grandense, naquelle tempo e muito depois entregue por completo à vida vegetativa, com o resto da nacionalidade, exceptos os nucleos mencionados, estes barcos à mercê de acasos, no fundo puramente economicos.

vidualidades femininas do vez em todos os tempos.

Difficilmente se comprehende como essa admiravel mulher nascida e educada nos arredores de um villarejo (Papary), sem meios de fortuna e numa epocha che a de preconceitos, ponde adquirir os conhecimentos de que fez uso no Brasil e na Eu-

Norte aos 19 annos, em companhia de alguém que a arrebatou de um lar infeliz, onde penava desde os 15, casada com um pobre funcionario publico, em cujo espirito retardado nem de leve podia passar a idea do valor intellectual e das aspirações de tão estranha companheira.

Indo residir em Recife o marido, certamente por conselhos de impertinente caturra porventura victima de igual desastre domestico, moveu-lheahi escandaloso processo, o que a fez mudar-se para o Rio Grande do Sul, donde, parece, era filho o seu novo companheiro. Ahi fundou um collegio feminino que teve grande nomeada, mas o Rio a seduziu e ella para lá se transportou continuando a nobre profissão de educadora, ao mesmo tempo que fazia, em 1842, conferencias abolicionistas e repubi-canhas, nas quaes pregava a liberdade de cultos e a federaçãõ. Em 1849 deixou o Brasil e fixou residencia em Paris onde conviveu com os mais eminentes espiritos contemporaneos. Lamartine, Victor Hugo, George Sand, Saint Hilaire foram amigos espirituaes seus e é pena não tenha sido publicada a correspondencia mantida com essas luminosas intellectualidades, salvanço-se apenas, editadas pelo Apostolado Positivista do Brasil, algumas cartas de Augusto Comte, a quem soccorreu nos dias de penuria e cujo salimentofoi a unica mulher a acompanhar.

Nisia viajou grande parte da Europa. Demorou-se bastante na Italia, cujo aspecto physico e moral desenhou em soberbo livro, escripto em francez, em dois tomos com cerca de 400 paginas cada um.

Correspondia-se activamente com o celebre Garibaldi, Manzi-



NISIA FLORESTA

(Desenho de M. Bandeira segundo uma photographia)

E é meditando na situação mental no meio em que appareceu Nisia Floresta Brasileira Augusta (1809-1885) que podemos medir o valor dessa singularissima figura litteraria.

Os brasileiros lhe conhecem, mas o estrangeiro não sabe, e de uma das mais fortes indi-

ropa, onde publicou em francez e italiano diversas obras.

Não cabe aqui a narrativa dos pormenores dessa atormentada, intensa e gloriosa existencia; mas, uma vez que raros a conhecem, convem acrescentar alguma coisa ao conhecimento que Nisia deixou o Rio Grande do

Figura 4 - Primeira página do artigo sobre Nisia Floresta (p. 138)



Figura 5 - Detalhe da p. 138: ilustração do texto de Henrique Castriciano, por Manoel Bandeira



Figura 6 - Detalhe da p. 138: Desenho de Nísia Floresta, por Manoel Bandeira, "segundo uma fotografia"